

# ALMA NOVA

REVISTA ILUSTRADA  
: LITERATURA : SCIENCIA : CRITICA : E : ARTES :

Ano I

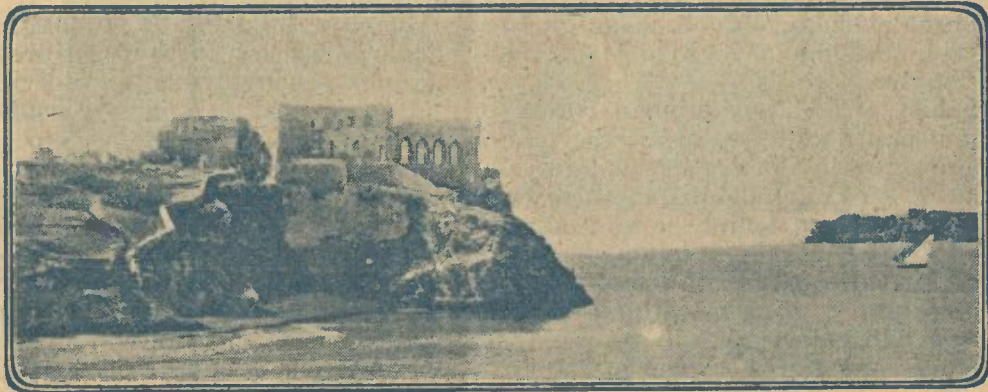
Redacção e Administração  
R. da Procissão, 91, 3.<sup>o</sup>  
LISBOA

Director, Proprietario e Editor:  
Mateus Martins Moreno  
Secretario da Redacção: F. Ascensão Mendonça  
Redactores: Ascensão Contreiras, Jaime da Graça Mira,  
João Rico, Joaquim Rita da Palma, José Dias Sancho, José  
Guerreiro Murla, José Pavia de Magalhães, D. Laurinda  
Serytram e Mauricio Serafim Monteiro.

Composição e Impressão  
A MODESTA -- 57, R. do Mundo, 59  
LISBOA

N.º 6

## :: BELEZAS DO ALGARVE ::



CASTELO D'ARADE (FERRAGUDO)

Apreciavel retiro a pouca distancia de Portimão, onde o illustre poeta algarvio Dr. Coelho de Carvalho costuma ir fazer todos os anos a sua época balnear.

## O SONETO

*Ao Fernando Pessoa*

O silencio da tarde ao pôr do sol é um poeta  
Que murmura saudoso uns versos divinais  
Aos ouvidos de Alem dum espiritual asceta  
P'las folhas a fremir dos proprios vegetais!

E' ele o eterno autor daquelas redondillas  
De tal delicadeza e tal simplicidade  
Que a nossa alma não esquece, e que de mães a filhas  
Passam no mesmo sangue, a inocular saudade!

Todas as tardes resa esse poeta imenso,  
Um soneto, o maior, que vai no som suspenso  
Dos sinos duma egreja, ao longe, alem da serra...

Campanario do longe... as almas a resar...  
... Toda a religião da natureza a voar  
Para o ceu, dicta a Deus, o soneto da Terra!

Novembro, 1914

*F. Carvalho Mourão*

# SOBRE O ALGARVE

(Carta á «Alma Nova», de um dos seus mais illustres admiradores)

MEUS CAROS AMIGOS

Naquele livro de Edmond Demolins; «*A quoi tient la supériorité des Anglo-Saxons*», que vocês já certamente leram com entusiasmo, apanha-se uma febre de individualismo, que, ainda que por vezes o autor use de argumentos parece que cuidadosamente arrumados de molde a tirar conclusões preconcebidas, não nos deixa por muito tempo.

Pois é o problema do individualismo que se me suscita quando leio o vosso jornal. Como assim?—perguntarão vocês.

Eu já explico. O sr. Demolins interpreta o triunfo britânico, provado em larga escala com os seus argumentos e em larguissima escala previsto com os seus argumentos também (veremos dentro de algum tempo se se realizam ou não as suas previsões), e pretende explicá-lo pelo desenvolvimento máximo da personalidade de cada inglês, que se torna assim uma capacidade produtora tão valorizada quanto possível. Contribue para esse fim a educação, tão esmerada em nada ferir as capacidades de cada individuo em proveito da colectividade.

Ora vocês, na dedicação com que trabalham pela sua provincia, no carinho que palpita nas palavras com que dela falam, na fé com que fazem a propaganda desse tão lindo e tão produtivo trecho da patria de todos nós, parecem-me conduzidos naquele mesmo espirito do sr. Demolins.

Vocês extranham, talvez... Mas a verdade é que o jornal faz-me pensar isto... E' provavel que todo este pensamento seja forçado, que se não encadeie bem... Mas a verdade é que a vossa provincia, que vocês defendem com tanto afêro, parece-me a *individualidade* que vocês teimam envalorizar, obstar a que ela se escravize á colectividade, como a educação britânica valoriza cada inglês.

Ora este amor que vocês teem pelo vosso Algarve, poderá de alguma maneira significar que vocês não amem todo Portugal? Claro que não.

Eu posso responder a esta pergunta começando por me julgar a mim mesmo.

Sou um novo como vocês. Estou ainda na idade da minha educação. Preparo-me para lutar pela vida — para isso procuro armar-me com as armas mais proficuas. Quere dizer: busco o meu desenvolvimento:

*fisico* — procuro conservar a minha saude, aumenta-la, fortalecê-la; converter os meus braços em fortes alavancas de trabalho; desenvolver os sentidos como meio de observação do mundo que me rodeia, dominar e corrigir os êrros a que eles me podem conduzir;

*intellectual* — procuro apetrechar-me com o quadro dos conhecimentos que julgo indispensaveis sobre as coisas do universo em geral, os objectos que povoam o planeta em que vivo, os homens (em cuja sociedade me é forçoso viver)

nas suas relações no presente e no passado; lanço mão da maxima quantidade de conhecimentos que possam valorisar-me na profissão que escolhi;

*moral* — procuro conduzir todo o meu desenvolvimento ao bem de todos os homens, conquistando os habitos que se cifram na prática do bem.

E agora aqui é que se chega onde eu quiz chegar. ¿Acaso o facto de eu pretender o meu maximo desenvolvimento individual, significa que eu queira, com ele, ser senhor dos outros homens, prejudicá-los, ofuscá-los mesmo com o meu desenvolvimento?

De forma alguma. Ora aqui está o que succede também com vocês. Querem muito á sua provincia — por isso pretendem torná-la conhecida, valorizá-la ao maximo, valorizar os seus productos, a sua beleza, os seus homens. Este particularismo, este individualismo, só tem como tendencia o maximo desenvolvimento das energias algarvias e em nada pode esbarrar com a dedicação que devem ter a todo Portugal.

Aí está como, ao ler a *Alma Nova*, de mim para mim, sem que vocês me dêem procuração para os defender, eu os defendo. E aí teem uma resposta, se entenderem merecer a pena publicá-la, para alguém que, com este sentimentoso-nho de desdem que o português traz cá por casa, diga com um sorrisinho que também é costume do português usar em certos momentos: — «Que diabo! Estes rapazes, com tanto palavriado, parece que querem dizer que cá em Portugal só o Algarve é a unica coisa que preste».

\*

Tenho simpatizado imenso com a vossa attitude. Mas, com a franqueza com que entendo ser a minha obrigação falar-vos: é talvez pouco pratico. O jornal, por si só, faz pouco e não faz o que devia fazer.

¿Porque é que, em vez de se limitarem a falar, e com tanta justiça, da beleza da vossa provincia, não estudam a sua valorização?

Vocês são estudantes, andam pelas Universidades. Cada um de vocês tem já escolhida a sua carreira, está fazendo já a sua especialização. Cada um de vocês daqui a dois dias, tem uma profissão — ponha-a ao serviço da sua provincia.

Para isso estude-a já. ¿Alguns de vocês querem ser engenheiros? Estudem a melhor maneira de pôr a vossa provincia em contacto rapido e cómodo com o resto de Portugal, de pôr em contacto mútuo os pontos importantes dela, de facilitar o acesso aos sitios mais belos, de os prover de bons hotéis, que chamem o viajante rico, estudem quantas maneiras de conduzir á vossa linda provincia o dinheiro, as emprezas que valorizam as terras e os homens dando-lhes meios de trabalhar.



UMA CASA DE CAMPO

(Cliché de Eurico R. Ortigão)

Se alguns de vocês querem ser agrónomos, comerciantes, professores, médicos, quantos e quantos problemas essenciais, vitais, para a vossa provincia tereis para estudar...

E depois de tudo isto assente, é propogá-lo, é realizá-lo quando entrardes na vida...

Imaginem vocês que cada provincia tinha, aqui no meio universitario de Lisboa, o seu centro de estudos, formado pelos seus filhos, a pôrem no trabalho aquele entusiasmo febril que a mocidade dá.

Se assim fôsse, hoje, a cinco anos de Republica, num regime em que, por ser *de todos*, as energias individuais deveriam encontrar uma atmosfera mais livre para a sua expansão, i que documentos de prosperidade e transformação realizada e a realizar poderiam ser dados á publicidade, em vez dos documentos politicos do regime velho, de que ninguem já se lembraria senão os trabalhadores da historia!

X.

POR LISBOA

## O CARNAVAL

O audacioso e irriquieta folião d'outr'ora, a quem os antigos prestaram um entranhado culto, e que no tempo dos pápas Paulo II e Julio III fôra tão celebrado, parece querêr dissipar-se de vez nas sombras da monotonia.

As festas carnavalescas d'este ano, — Santo Dens, que transfiguradas! — tiveram a perpetuá-las o pouco espirito, e o nenhum luzimento. Era d'um aspecto desoladôr observar os carros que transitavam pela Avenida, desprovidos por completo de enfeites e conduzindo individuos em que se denotava um gesto inerte para o divertimento.

Pelas ruas apenas foram vistas algumas mascarar, que querendo dar largas ao doesto e á insidia, para nos provocar o riso, davam apenas a impressão d'uma sociedade

em via de decadencia. E de pouco mais do que isto, constou o insipido Entrudo, que agora acaba de nos deixar!

Não sabemos se imputemos este estado, de incontestada apathia, ás difficuldades da crise de caracter economico, que actualmente assoberbam o paiz e poderosamente se vão relletir na carestia da vida, se melhor o atribuíamos a tantas outras causas que se debatem n'esta hora de incerteza e nos trazem apprehensivos e em sobresalto.

Ora assim não pode haver graça nem espontaneidade.

Não admira pois que vejamos combatida essa quadra estouvada, irreverente e sarcastica, que desrespeita todas as conveniencias sociaes, cosevilla e intriga, mas que não é mais do que a afirmação d'um povo exuberante e saudavel, a quem durante um anno as leis e o convencionalismo coartaram toda a acção. E não é justo que se não conceda á humanidade, ao menos uma epoca, em que ella de mascarar a cara, se desmascare intimamente e dê largas aos seus instinctos...

Lx.ª 17-II-915

Ascensão Contreiras.

## SOMBRAS...

Nas noites brancas, de luar, o sul  
Voluptuosamente perfumado,  
Embala as almas num sonhar alado  
E embala os astros no seu berço azul...

Sombras amadas vejo, na distancia  
Da minha raça ardente do meio-dia!  
Trago no sangue um ritmo de elegia,  
E fui um principe na ingénua infancia.

Sinto o lirismo triste e musical  
Do velho mar ao sul de Portugal,  
Onde floresce a graça dos rosaes.

Vibram em mim as almas do passado,  
E eu sou o éco ultimo, doirado,  
Das vozes que não sôam nunca mais...

1914.

Mario Pucheco.

## MUSA ALGARVIA

## O PESCADOR

Ao longe vai uma barca  
Cortando as aguas do mar...  
O sol morre ensanguentado  
N'uma tragedia sem par.

Coitados dos pescadores  
Que tem de andar no mar!

E a barca lá vai, lá vai  
Nas águas a balouçar...  
Quem sabe, olhando-a de longe,  
Se tornará a voltar.

Coitados dos pescadores  
Que tem de andar no mar!

As gaivotas d'azas brancas  
Passam-lhe junto a adejar...  
E a barquinha lá vai sempre  
Cortando as águas do mar.

E o pescador dentro d'ela  
Adormeceu a cantar.

Dorme, dorme, pescador,  
Deixa um pouco de remar,  
Vai sonhando com teus filhos  
Que lá deixaste no lar.

E o pescador, dôcemente,  
Sorri-se mesmo a sonhar.

Faro, 17-1-915



CORTANDO AS AGUAS DO MAR...

Clube de Francisco S. Padinha

(REPRODUÇÃO)

Não se importa dos trabalhos  
Que passa por sobre o mar...  
Só pensa em ganhar o pão  
Para os filhos sustentar.

Coitados dos pescadores  
Que tem de andar no mar!

Pode vir a tempestade  
E n'um momento o matar...  
O que seria dos filhos  
Que lá ficaram no lar?

E o pobre do pescador  
Acorda enfim do sonhar.

Pega nos remos então...  
Reluz-lhe a fé no olhar...  
E' só por causa dos filhos  
Que anda ali a trabalhar...

E a barca salta ligeira  
Cortando as aguas do mar.

A noite desce de manso,  
Com estrelas a brilhar,  
Mas o pescador não cança  
Na ancia de vê o lar.

Coitados dos pescadores  
Que tem de andar no mar!

José Dias Sancho.

## Casamento na aldeia

No campanario rústico da aldeia  
Ouvem-se os sinos repicando em festa,  
E a linda igreja, de fieis já cheia,  
Faz gosto vê-la, humilde e tão modesta.

Da porta até ao pequenino altar  
Corre um tapete de mimosas flores;  
E a Virgem Santa, de tão meigo olhar,  
Sorrindo, esquece cruciantes dores.

Um côro suave de doce harmonia,  
Qual hino d'anjos perfumando o ar,  
Rompe na igreja e já nos anuncia  
Um grupo joven que se vai casar.

Ajoelham ambos; resam uma oração,  
Pedem á Virgem que lhes guie os passos,  
Que santifique a sua doce união,  
Que os prenda em fortes e sagrados laços.

Saem sorrindo. P'lo pequenô ádro  
Correm ligeiras lindas criancinhas;  
No céu também, abençoando o quadro,  
Surge, voando, um bando de andorinhas.

3-7-914

Artemisia Vieira.

## AUSENTE

A João Lucio

Erro... Sombra exilada na distancia  
dum sonho anoitecido... e penso em ti...  
e a minh'alma se eleva na fragrância  
de quantas harmonias concebi...

E penso... e também pensa o coração,  
êsse astro sempre flor, que nunca dorme;  
e pensa o Vago, o Todo, a Imensidão,  
nas cadencias do nosso amor enorme...

E scisma o mar... Escuta o mar e a espuma,  
segredando co'a praia á luz da lua...  
E olha as ondas que chegam, uma a uma,  
estrugindo na rocha tósca e nua...

Escuta... e o rumor pásmico do longe,  
o múmuro embalar da propria Inércia...

Meu convento de Ausencia, eu sou um monge  
evocando saudades de Natércia!...

1915.

M. M. M.

\* \* \* JOÃO DE DEUS \* \* \*

Faz anos, no dia 8 de março, que na pitoresca aldeia de S. Bartolomeu de Messines, do nosso queirido Algarve, nasceu João de Deus.

A Alma Nova aproveita esta ocasião para prestar homenagem a essa grande figura de poeta, que faz não só a gloria duma provincia, mas duma nação inteira.

João de Deus, poeta por natureza, possuindo uma alma profundamente simpática, tendo para cada infortunio uma tógrima de vetho e para cada alegria um sorriso de creança, deve ter de nós, os novos, sincera admiração, verdadeiro culto pelo seu temperamento artistico, pelo seu genio.

E' preciso que se lhe dê, como A Capital bem lembrou, uma sepultura condigna da sua figura superior e, além disso, se comece desde já, a ensinar ás creancinhas o seu nome, para que elas vão, como o paeta, cauninhando e cantando sempre a Virtude, a Inocencia, a Saudade e o Amor!

E' um dever que se impõe a todos nós ensinarmos a amar o Passado no que ele tem de bom.

Se a humanidade é essa arvore cujas raizes vão beber a sua seiva ao Passado, adoremos esse Passado como outrora os egipcios adoravam o Nito que lhes fertilizava as suas terras.

Se a humanidade, como diz Augusto Comte, consta mais de mortos que de vivos, façamos dos mortos illustres, verdadeiros deuses, semelhantemente ao que os romanos fizeram dos lendarios Romulo e Remo.

Os japoneses, quando empreendem alguma viagem, vão ao lumulo dos seus antepassados e juram excedê-los em valor e em coragem.

Nós, que vamos tambem em viagem pela vida fora, precisamos tambem de ir em homenagem á sepultura daqueles que deixaram na sua passagem um rasto de luz, daquelles que, como João de Deus, levantaram os olhos do pó da terra e subiram até aqueta altura que muitos ambicionavam, mas poucos atingem.

Urge que a Moridade academica vá buscar energias aos homens que, com Shakespeare e Milton, Lafontaine e Victor Hugo, Camões e João de Deus, immortalizaram tres nacionalidades.

Porque, francamente, acho que nestes ultimos tempos a mocidade estudiosa vem componda um livro á indotência, á preguiça... e para mostrar as creunças que professa, está disposta, como o sentimental e mavioso poeta hispanhol Gustavo Becquer, a abrir a mão e a deixar cair a pena...

Mas eu tambem sou, como o grande tirico algarvio, um erente, e creio em muita coisa. Creio e confio, por exemplo, nesse grupo de rapazes inteligentes que estão na Federação Academica a fazer que em Lisboa não haja só estudantes mas haja tambem uma Academia, estreada pelos laços da fraternidade e inspirada no desejo única de trabalhar.

E é, por isso, que eu me atreva a dizer ao leitor que os eslundanes de Lisboa não esquecerão João de Deus.

E nem podem esquecê-lo!

Porque João de Deus é um paeta verdadeiramente português; aquete que em cada estrofe reflete a alma portuguesa numa suavidade mística de tons como uma gôla de orvalho reflete a luz do sol.

E' nas suas poesias um crente e a juventude de hoje deve ser tambem crente; crente em tudo: nos milagres do trabalho e no futuro.

Cada um dos seus versos é um cantico ao amor, e ninguem, como os rapazes, deve compreender melhor esse sentimento que ele conton lãa sublimemente.

E', pois, justo que sintamos pelo poeta o que o poeta sentiu por tudo: um Amor — Adoração.

E que os estuantes lhe prestem todas as homenagens; vão mesma, em excursãa, se assim o entenderem, á sua pitoresca terrinha do Algarve, ou em

romaria ao seu pobre túmulo, ainda que haja a convicção de que o espirito do immortal lirico ha de surgir, envolto na sua humildade de sempre, a exclamar lão sincera como reconhecida mente:

Que vindes cá fazer, ó Mocidade?!

José Guerreiro Murta.



Por Lisboa

\* \* Crónicas de Arte \* \*

III

Carta ao maestro David de Sousa

Ex.<sup>mo</sup> Senhor:

Se acaso as reviravoltas da Sorte lhe atirarem para sobre a mesa de trabalho estas linhas desataviadas e sinceras, V. Ex.<sup>a</sup> perguntará, talvez, interessado e curioso, as particularidades e identidade dum desconhecido senhor Bustorff que assim o arranca a todo o idealismo da sua vida de musico e de artista para lhe vir dizer coisas positivas, sentidas, sim, mas dum materialismo que leva a palma a quantos conhecidos.

E para que V. Ex.<sup>a</sup> satisfaça essa sua natural curiosidade, se a tiver, eu, em ar de apresentação e explicando o procedimento ousado de escrever cartas a quem pessoalmente não conheço, dir-lhe-hei de minha e de sua justiça.

Eu sou, senhor maestro David de Sousa, um desses muitos individuos que semanalmente acorrem a ouvir a sua orquestra e a admirar o seu imenso esforço. Ignorante como um porta-machado em questões de tecnica musical, adóro, no entanto,—pelo muito bem que me sabe e pelo muito bem que me faz,—essa maravilhosa arte de Santa

Cecilia, por M.<sup>me</sup> Stael considerada, e bem, como a que mais imediatamente influencia a alma humana.

Era assim em 1817, e hoje ainda o é mais. Conseguiu-se traduzir por meio do simbolismo musical todas as impressões sentimentaes, meramente psicologicas de cada individuo. O compositor, tocando, falou de si mais elaramente que se o quizesse fazer por meio de fala ou da eserita. A musica appareceu carregada de ideias e de sentimentos, como disse Nietzsche, e deixou de ser uma arte simplesmente recreativa para ser profundamente descriptiva e emotiva. Desereveu-se e pintou-se, musicando, com cem vezes melhores efeitos que os anteriormente obtidos com o recurso da pena e do pincel. A musica afastou-se da sua origem e berço primitivo—a religião,—para, amplificando-se, crear em seu redor um mundo novo. Nele estão integrados e interessados todos os espiritos modernos de uma educação e sensibilidade um pouco além do vulgar.

Como todos, eu experimentava desde ha muito a necessidade de sentir de quando em vez alguma coisa de superior ás sensações que a simples leitura duns versos ou duma boa prósa em nós produzem—sensações que, a um

tempo, nos falassem ao cerebro, ao coração e á alma... Não havia, ainda, a orquestra de V. Ex.<sup>a</sup> em Lisboa e esses desejos levavam-me amiudadas vezes a recorrer á unica de geito então existente, para ali conseguir essa integração no Indefinido,—no país do som e do ritmo, nas mansões do Alen-Vida,—que só a musica pode provocar e eu tanto ambicionava. Ia. Mas quedava-me de quando em quando a meditar nas acções diferentes que uma mesma obra exerce, em creaturas varias: a uns deixa-os inermes, a outros põem-lhes os nervos num bulício. Porquê?

Veio V. Ex.<sup>a</sup>. Honestamente, caladamente e sinceramente, reuniu os seus musicos, tomou a sua batuta e escolheu as suas partituras. Houve um movimento geral de estranheza. Quem era, donde vinha e ao que vinha este senhor maestro David de Sousa? Ninguém sabia responder e a curiosidade, provocada pelo seu apreçamento sem apresentação prévia, aumentava de mais em mais, creando em seu redor uma atmosfera de misterio, toda carregada de injustificadas antipatias. E' que V. Ex.<sup>a</sup>, senhor David de Sousa, era português. E o português, hospitaleiro em excesso, só considera dignos de Gloria e de Talento os *quidãos* que da *Extranja*, embora cabotinos, lhe batam no ferrólho. Ser nacional é ser perseguido.

Deu o seu primeiro concerto. Fui dos muitos que o não foram ouvir. Li os criticos: poucas apreciações e essas, mesmo, receósas. Começava a guerra. Fui ouvi-lo.

Então sim. Então é que foi uma elevação toda espiritual, um sonhar com o espirito acordado, um ver sem que os olhos vissem, um sentir sem que o corpo sintia, a apossar-se de nós, a tornar-nos bons, a fazer-nos sensíveis, a encher-nos dum repouso santo...

Continuámos. Dêmo-nos a observar V. Ex.<sup>a</sup> no seu trabalho de regente, de soleccionador e de artista.

Tomava a sua batuta, harmonisava e ligava os seus musicos num gesto, dava a abertura: a sinfonia começava... A sua alma sensibilissima não podia prescindir a toda essa revivescencia grandiosa com o mesmo automatismo e indiferença que caracteriza o escultor ordinario, atento á forma, reproduzindo a estatua dum artista. V. Ex.<sup>a</sup> não fazia musica com a mesma calma que o pedreiro italiano faz Vénusilhas de Milo. Não. Ao lado da obra do autor, V. Ex.<sup>a</sup> punha a sua obra, imprimia-lhe uma como que nota pessoal, particular, característica. A musica por completamente entendida possuía-o: o maestro não podia ficar em face dela com uma visibilidade fria de defunto. Exteriorisava-o um pouco. Redobraram os ataques.

Profundamente pessoalista, o português não sabe discutir ideias,—limita-se a discutir pessoas. Para ele nunca ha a obra; ha sempre, sempre, o individuo. O senhor X. publicou uns versos? O senhor Y. rabiscou um romance? O senhor Z. espintalgou um quadro. O senhor X. é um grande burro porque usa chapéus fora da moda, como o senhor Y. o é tambem porque tem um sorriso muito embirrente, como o senhor Z. está longe de o ser, pois tem uns lindos dentes e uns olhos bem rasgados... Não ha exagero: ha sintese. Não se traça uma caricatura: fixa-se uma fotografia. E V. Ex.<sup>a</sup> sofreu um pouco de todas estas criticas. Persistiu. Enquanto outros marcavam passo nos classicos admiraveis, mas nem por isso obrigatorios, V. Ex.<sup>a</sup> satisfazia as fortes aspirações dos que desejavam conhecer o movimento musical continuador das obras daqueles, revelando-nos Debressy, Glazunoff, Laló, Ivanov, Mae Dorwell, Schmitt, Dukos e Chabrier, alguns tão grandes, outros tão melodosos, outros ainda tão extranhos e originaes...

A critica quebrava um pouco as furias. Aumentavam os frequentadores do seu teatro. A sua festa deste ano foi mais do que uma recompensa, foi uma consagração. Faltava-lhe o aplauso publico de muitos e muitos Novos, de quasi todos, mesmo. E' o que eu lhe levo nesta cronica sincera. O maestro hoje tem um publico seu, um nome seu e uma reputação sua. Tem de mante-los sem que lhe importem os ultimos motejos dos seus raros adversarios. Criticam-lhe a cabeleira, o fato, o colarinho e os chapéus... Mas que importa? E demais ele é tão facil conseguir uma harmonia plena. Quer o maestro chamar a si os seus detractores de hoje? Faça como Ramalho ou Eça e Antonio Enes:—jogue-lhes ás ventas um plastron já velho, um colarinho sujo. E, se ainda não chegar, chame ao seu teatro vinte herdeiras ricas, assine-se D. David e diga-se... espanhol.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1915.

A. Bustorff.

## \* O NOSSO CARNET \*

### A PRIMAVERA

E' no dia 21 do corrente que, afogentando de vez as nevoas esfarrapadas do velho e franzido Inverno, uma visão encantada nos promete descer das célicas paragens, para, linda como uma santa e ingenua como uma pomba, ajoelhada ante o altar do Creador, espalhar por toda a Natureza os risos orquestrais e perigrinos enlevos da sua ardente Mocidade. E' a Primavera, — a Rainha Santa dos risos e das flores, a mensageira querida dos Sonhos e das Graças...

As andorinhas d'azas negras, chilreando nos beirais, e as florinhas singelas, desabrochando nos canteiros, já ensaiam os seus risos para saudá-la... As nevoas dissipam-se em gotinhas de ródio, e as montanhas erradias do espaço aplainam-se em campinas de uma paz azulada...

Cen imenso e azul do meu Paiz! Olhos cheios de fé dessa que chega... Salvê!

### CONCURSO INFANTIL

#### BELEZA E BONDADE

*Qual a mais galante menina de Faro?  
Qual a mais interessante pimpalho?*

Por ser ainda muito resumida a soma de donativos para a confecção das vestes a oferecer ás eriancinhas indigentes de Faro, só quando a «Alma Nova» completar um ano faremos essa festa de earinhoso afago aos desprezidos, na expectativa de que serão inumeros, nessa altura, não só os donativos em dinheiro, mas até em fatinhos já devidamente confeccionados.

Tão original festa, que merecerá certamente as atenções de todas as almas enamoradas da beleza e do bem, será dedicada á memoria de João de Deus, a cuja obra um dos nossos redactores fará uma entusiastica alocação que será distribuida em folheto.

No auxilio dos nossos leitores, e principalmente das leitoras, está a consecução dos nossos intuitos.

Quem desejar oferecer vestes basta apenas no-lo revelar, pois a entrega destas só deverá ser-nos feita nas vespersas do encerramento do concurso.

Vamos, porem, registando algumas respostas e donativos ultimamente chegados.

Ex.<sup>ma</sup> Sr. Director, Associando-me á vossa simpatica lembrança, envio em estampilhas 50 cent., dando o meu voto á interessante menina Maria Judith, filha do sr. João Ferreira Neto, e ao menino José (e não Chico, como lhe chamam), filho mais velho do sr. Rebelo Neves.

(Faro, 25-2-915)

I. P.

#### Creancinhas votadas

#### Meninas:

**Maria Carolina**, sobrinha do sr. Francisco Pinto... 2  
**Maria Judith**, filha do sr. João Ferreira Neto... 3

#### Meninos:

**José**, filho do sr. Rebelo Neves... 4  
**Arthur José**, filho do sr. João Ferreira Neto... 1  
**Pedrinho**, filho do sr. dr. Arthur Aguedo... 1

#### Importancia recebida em favor da subscrição

Transporte.....	2\$50
De I. P. ....	\$50
Total.....	3\$00

#### Aniversarios.

Fazem anos: No dia 2, D. Belarmina Ilda Pires e João Simplicio Barros Santos (de Loulé); no dia 5, D. Ilda Cabeçadas (de Faro); no dia 6, D. Maria da Assunção Santos Nunes (de Alte) e José Bivar (de Faro); no dia 7, D. Maria da Conceição Alves (de Fuzeta); no dia 14, engenheiro João Alvaro Pestana Girão (de Faro); no dia 18, José dos Santos Nunes (Aluno da Universidade de Coimbra); no dia 23, D. Amelia Ribeiro Neto (de Olhão); no dia

26, Constantino Gomez Reys (de Faro); no dia 30, D. Idalina dos Reis Neto (de Olhão) e João Antonio Rodrigues de Passos (Aluno da Faculdade de Medecina de Lisboa).

O sr. Dr. Coelho de Carvalho, distincto escritor algarvio, entregou á sociedade artistica do Teatro Nacional, a sua ultima produção, que subordinou ao tema:—*A Lenda do Dr. Fausto*. O recente trabalho, que é uma tragedia baseada em motivos do Fausto, consta de nove jornadas e cinco partes.

Foi requisitado ao ministerio das colonias, afim de ir servir em Angola, como chefe do Estado maior, junto do general sr. Pereira d'Eça alto commissario naquela provincia e comandante de todas as forças expedicionarias, o nosso conterraneo sr. major João Ortigão Peres, professor da Escola de Guerra e do Instituto Proficional do Exercito.

Foi entregue á vistoria do Teatro Nacional, pelo nosso colega de redacção, sr. João Rico, uma peça dramatica em tres actos intitulada *A Noiva do Corsario*.

Este nosso querido camarada tambem agora nos acaba de oferecer a sua primeira publicação—*Lembranças e Dores*,—livro de versos em que foi menos feliz do que podia ser, atentas as qualidades poeticas de que é ornado, como se pode apreciar nas poesias a paginas 12, 27 e outras, que colocadas a par de congêneres formariam um volume bem melhor acolhido.

## Cartas do Estrangeiro

**Londres, 26-1-915**—Como combinado, mandarei os *Reportes* mensais sob o nome *Cartas de Londres*. A proposito aí vão já duas novidades:

--Chegou a Londres, onde vem continuar o seu curso de engenheiro, na Faraday House, o João Antonio Judice, de Lagôa—Algarve.

— O «Daily Mail», referindo-se aos acontecimentos de 23, mostra que Portugal, a continuar com dissensões Politicas, dentre em pouco desaparecerá, cumprindo-se assim o que Lord Salisbury disse num discurso referindo-se á vida das nações pequenas como a nossa.

—Conta-se aqui, com certo espirito, que uma noite destas numa reunião, certa dama de alta aristocracia perguntou a Lord Kitchner quando ele julgava que a guerra acabaria; ao que ele respondeu:—«Quando acaba não posso dizer, mas, de momento, o que posso dizer-lhe é quando ela começa:— na Primavera!

Anibal Bandeira.

## Proseguindo

Dia a dia a nossa revista vai ocupando na imprensa o lugar desejado. Muitas pessoas acorrem a felicitar-nos pela nossa iniciativa e a animar-nos com o seu concurso. Ultimamente ofereceram-se-nos elementos de reconhecido valor a que não podemos calar um agradecimento sincero. Novos escriptores algarvios tambem iniciam no proximo numero a sua colaboração e alguns dos que já bastas vezes tem abrilhantado as nossas colunas acabam-nos de prometer novas produções.

Só se publicam inéditos. A ortografia da redacção é a official; as dos autores é respeitada.

## CONTOS E NOVELAS

### A ALMA DO CEGO

(POSTUMO)

Esfarrapado e inerte, um pobre cego, junto ao portico vestuto, gemia, arrastando na voz dorida uma vida miseravel.

Por unico companheiro, tinha um cão, que lhe lambia as mazelas e lhe dava assim um lenitivo compensador de tantos males.

Numa toada lúgubre e entrecortada de gemidos, repetia sempre — dá-me uma esmolinha, meu senhor... Seja por alma de todos os seus defuntos!

E, quando não sentia tocar em suas magras mãos alguma moeda de cobre (porque a mais não chegava a caridade dos que passavam), volvi-então, contristado: — Não tem dó do pobre cego... Já vi como todos, e hoje nada vejo!...

Cheio de dó e piedade aproximou-me d'ele e quasi repentinamente exclamou-me:— Quanto é bom! nunca se esquece de mim!...

— Calae-vos, respondi-lhe. Contae-me agora a historia da vossa vida, como me prometeste.

Nas suas faces desenharam-se rugas profundas, sulcos de amargura, onde as lagrimas correram ligeiras, e nos seus labios um leve tremor foi o inicio da narração seguinte:

«Filho dum abastado lavrador, desde creança eu levava uma vida descuidada, correndo os campos, ora a cavalo ora a pé.

Meu paé, como eu fosse filho unico, nunca me reprendia.

Um dia levava a galope o meu cavallo, na estrada que conduzia á herdade, e ao longe aproximava-se um ajuntamento de ciganos. Topámo-nos. Entre eles vinha uma formosa cigana, andrajada em multicolor feitio e que se diferenciava pela jovialidade do seu porte desalroso. Naqueles olhos uma chama fugidia brincava num misticismo pagão... Era bela!

Mirei-a fixamente, chamei a todos, propuz-lhes um negocio e levei-os á herdade. O meu proposito era rouba-la. Assim o fiz.

Vivemos juntos alguns meses.

Uma noite de inverno, brusca e mal alumada, encontrava-me junto d'ela, quando ouvi passos em casa.

De repente senti-me agarrado, e num ardor intenso, ferreo e desumano (que eu nem sei bem contar) compreendi que não via!

A ela... levaram-m'a! Penso que m'a levaram... a alegria de toda a minha vida! E hoje, e jámais a tornei a ver!...

Um suspiro profundo, emanado do coração, dilacerava-lhe a voz.

Disse-lhe adeus, e quasi perdido de sentimento... abstrato, corri muito, muito, até cançar!...

Vi depois uma cigana, de quem me contaram uma historia igual, e imperceptivelmente exclamei: — *a alma do cego!*

Coimbra, 11 de Julho de 1913.

José Maria Pacheco.

# PALCOS E CINEMAS

**S. Carlos** — Bastará anunciar-se que está ntiuando as suas representações n impagavel farça de Schwalbach, «Os anos do papá», para que a enchente seja completa. Por estes dias sobe á scena uma bela peça de Hervieu «A força do Destino».

**Ginasio** — Reparição ilo festejado átor Telmo Larcher, no engraçado original portugês de Chagas Roquete e Alvaro Lima, «O Depulado Independente», que tanto successo obteve na época passada.

**Politeama** — Todas as noites as maiores enchentes, pelo que se explica o belo exilo do «Genio Alegre», onde a genial artista Aura Abranches cada vez mais vem confirmando o seu talento.

As domingos concertos sinfonicos, sob a direção de David de Souza.

**Trindade** — Ainda eu scena a famosa revista «Verdades e Mentiras», que apropiada a sessões e aumentada de numeros novos renoução de graça e brilhantismo. Os preços são populares.

**Avenida** — Este elegante teatro talvez se possede melhor chamar um pombal, lão complelo e harmonico é o conjunto de mulheres bonitas que tomam parte na revista «Ceu Azul», que todas as noites se representa e se admira com o mesmo entusiasmo.

**Eden-Teatro** — As boas peças que sempre são apresentadas neste elegante teatro tem feito com que o publico de Lisboa lhe dedique uma admiração inescedível. A ultima peça em scena «A Princeza dos Dollars», tem obtido enchentes successivas. No sabado começa a ter opera lirica.

**Rua dos Condes** — Plenissimo o exilo da gentil artista madrilena «Tó Tó». Pode dizer-se que o Rua dos Condes renasceu na alma lisboeta, tanto é o agrado com que o publico lá acorre.

**Coliseu dos Recreios** — Inaugurou na noite de 1 os espectaculos da moda, com a bela companhia equestre «Cirque Royal» de Bruxelas, que tanto tem agradado. Opiniões da critica dizem que Cirque Royal é a companhia mais completa que nestes ullimos dez anos tem vindo a Lisboa. Assim o provam as enchentes do Coliseu e assim o crê a nossa profunda admiração por lão inescedidos artistas.

## Animatografos recomendados

**Salão Foz** — Com variedades.

**Salão Olimpia** — A reunião do chir. Malinées diárias.

**Salão da Trindade** — Belas fitas e preços convidativos.

**Chiado Terrasse** — Muilo amplo, higiênico e seapre estreas.

**Salão Central** — Os mais sensacionais films.

**Coliseu de Lisboa** — (Rua da Palma). As melhores filas.

**Salão dos Anjos** — Fitas e variedades.

**Salão Imperio** — (Rua Pascoal de Melo). Fitas.

## CIRCO DE FARO

As melhores fitas que Lisbon conhece são apresentadas todas as semanas neste belo salão ao ilustrado publico da capital algarvia.

## ORIZALINA

A mais bela e segura pintura para tingir o cabelo. Productu absolutamente inofensivo e de resultado garantido. Pinta em todas as cores.

Á venda em Tavira, na

**Farmacia do Monte-pio Tavirense**

Deposto geral — FARMACIA BARRETO

**Rua do Loreto, 24 a 30 — LISBOA**

Telefone n.º 3098

## FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL  
FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

### DE MANOEL CARVALHO

Rua Infante D. Henrique, 186 — FARO

Construção de poços Artesianos — Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica.

## Caldas de Monchique

### Tratamento

**Pelas aguas termas** — nas doenças de estomago, pele, reumatismo.

**Pelo tratamento natural** — dá resultados surpreendentes em doenças dos intestinos, nervosas, ossaes, diabetes, anemias, gordura, etc.

**Hotel Central** — Higiênico. Regimes adequados ás doenças. Diarios de 1\$100 a 1\$300 réis.

**Hotel Popular** — Aceado e economico. Diarios de 800 e 1\$000 réis.

Medico director **Dr. Bentes Castel-Branco**

## Livraria das NOVIDADES

DE

### Antonio dos Santos Capela

Rua da Marinha, 15 — FARO

Livraria, Papelaria, Loterias  
e Tabacos nacionaes e estrangeiros

N'este estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas! Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

### Grande sortimento em bilhetes postaes

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços resumidos. Agente das principaes casas de Lisbon.





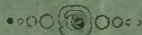
# Alma Nova

REVISTA ILUSTRADA



DR. JOÃO LUCIO

LITTERATURA : SCIENCIA  
CRÍTICA : E : ARTES



— Redacção e Administração —

— Rua da Procissão, 91, 3.º —

— LISBOA —

Assinatura anual (pagamento adiantado):

Portugal e Colonias . . . . . 50 cent.

Estrangeiro . . . . . 3 francos

— Avulso 5 cent. —



